

# **DONA MARIA ANTÔNIA E SEUS CONTEMPORÂNEOS: O IMPACTO DO PRESBITERIANISMO NA SÃO PAULO OITOCENTISTA**

*Alderi Souza de Matos\**

## **RESUMO**

A igreja presbiteriana foi a primeira manifestação do protestantismo missionário em São Paulo. O trabalho dos pastores norte-americanos e seus discípulos brasileiros gradualmente alcançou todas as classes sociais da cidade, que iniciava o seu grande surto de progresso vertiginoso. Este artigo mostra como os missionários procuraram alcançar elementos das classes mais elevadas e obtiveram resultados amplamente compensadores. São abordados alguns casos específicos, como D. Maria Antônia da Silva Ramos, filha do Barão de Antonina, e a família do comendador Luiz Antônio de Souza Barros. É considerada a importância missiológica e estratégica dessas adesões num período decisivo da história do Brasil.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Protestantismo brasileiro; Presbiterianismo em São Paulo; Evangelização das elites; Escravidão; Escola Americana.

## **INTRODUÇÃO**

No início da década de 1860, não havia presbiterianos em São Paulo, então uma pequena urbe de aproximadamente 20.000 habitantes. Por mais de

---

\* Graduado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano de Campinas; em Direito pela Faculdade de Direito de Curitiba, e em Filosofia pela Universidade Católica do Paraná. Tem mestrado em Novo Testamento (S.T.M.) pela Andover Newton Theological School e doutorado em História da Igreja (Th.D.) pela Boston University School of Theology, ambas em Massachusetts, Estados Unidos. É professor de Teologia Histórica no CPAJ, bem como ministro e historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil.

trezentos anos, desde a fundação da cidade em 1554, a Igreja Católica Romana tivera o monopólio praticamente absoluto da vida religiosa local. Na primeira metade do século 19, surgiram duas significativas comunidades protestantes, compostas de imigrantes ingleses (anglicanos) e alemães (luteranos). Porém, como aconteceu em outras partes do Brasil, tais grupos restringiram suas atividades religiosas ao seu próprio meio, sem buscar transmitir sua fé aos brasileiros. A situação começou a mudar a partir do final de 1863, quando chegaram à Pauliceia os primeiros representantes do protestantismo missionário, Rev. Alexander Latimer Blackford e sua esposa Elizabeth Wiggins Simonton.

Por vários anos, a presença presbiteriana foi bastante limitada. Em primeiro lugar, devido ao caráter efêmero da permanência do casal pioneiro. Embora tenha tido o privilégio de organizar formalmente a igreja presbiteriana em 5 de março de 1865, Blackford pouco tempo depois precisou retornar ao Rio de Janeiro para substituir o colega e cunhado Ashbel Green Simonton, que havia falecido. Isso se deu no final de 1867, depois de uma residência de apenas quatro anos em São Paulo. Os dois anos seguintes foram de crescimento quase nulo, porque os pastores interinos do período – Emanuel N. Pires, Hugh Ware McKee e Robert Lenington – estiveram mais voltados para a evangelização do interior. Finalmente, em outubro de 1869, chegou à capital paulista um casal que daria ao presbiterianismo uma expansão e visibilidade sem precedentes – Rev. George Whitehill Chamberlain e sua esposa Mary Annesley Chamberlain.

Dotado de expressiva capacidade de liderança e trabalho eficiente, Chamberlain impulsionou a diminuta grei presbiteriana. Contribuíram grandemente para isso sua personalidade cativante, facilidade em relacionar-se com todos os tipos de pessoas e ardor evangelístico. No seu afã de tornar conhecido o genuíno evangelho de Cristo, ele foi em busca não só de pessoas simples, mas de elementos destacados da coletividade, as “pessoas gradadas” como se dizia na época. Graças aos seus esforços – e aos de membros da igreja igualmente zelosos – foram evangelizados indivíduos de algumas das famílias mais importantes da cidade, e alguns deles ingressaram na igreja presbiteriana. Entre eles estava Maria Antônia da Silva Ramos, filha do Barão de Antonina, imortalizada na rua que leva o seu nome e dá acesso ao campus central da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

O objetivo deste artigo é considerar como os presbiterianos de São Paulo, em particular os missionários norte-americanos, transpuseram grandes barreiras culturais e religiosas, conseguindo aproximar-se de alguns dos elementos mais representativos da sociedade da época, levando-lhes a fé evangélica de modo enfático, sensível e respeitoso. Como tais, eles servem de inspiração para aqueles que, nos dias atuais, procuram comunicar o evangelho mesmo àqueles que parecem pouco receptivos ao mesmo. Léonard pondera:

A adesão ao protestantismo de membros relativamente numerosos da aristocracia brasileira, nos últimos trinta anos do século XIX, é um acontecimento a tal ponto surpreendente, à primeira vista, que merece ser estudado minuciosamente.<sup>1</sup>

O artigo irá considerar em primeiro lugar o Barão de Antonina, em seguida a sua famosa filha e por último a família Souza Barros e algumas outras figuras importantes que ouviram o testemunho do evangelho em São Paulo nas últimas décadas dos oitocentos.

As principais fontes dos dados históricos são *Barão de Antonina*, de Frederico de Barros Brotero, diversos jornais da época e o clássico de Vicente T. Lessa, *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo*. Os historiadores Émile Léonard e Boanerges Ribeiro fizeram breves análises do tema, respectivamente em *O Protestantismo Brasileiro* e *A Igreja Presbiteriana no Brasil, da Autonomia ao Cisma*. Em seu *O Celeste Porvir*, o professor Antônio Gouvêa Mendonça adotou outro enfoque, privilegiando a inserção do protestantismo entre os elementos pobres do meio rural.

## 1. O BARÃO DE ANTONINA

Em 1886, o Rev. Chamberlain enviou o relato de algumas experiências ao jornal *The Foreign Missionary*. A certa altura, ele declarou: “A condição religiosa da população brasileira, descendente dos portugueses, pode ser inferida do que ocorreu entre este escritor e o velho Barão de Antonina, senador do Império pelo Paraná”.<sup>2</sup> A seguir, narrou que pouco antes da sua morte em São Paulo, em 1875, o velho senador recebeu uma visita sua e lhe disse: “Tenho mais de noventa anos e nunca possuí uma Bíblia”. Quando o missionário leu o Novo Testamento, o ancião comentou: “Eu gosto dessas doutrinas, e gostaria que a minha fé se limitasse ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo”. Vale a pena conhecer melhor esse ilustre personagem que recebeu uma visita evangelística de Chamberlain e cuja filha seria tão importante para a história inicial da Escola Americana e do Mackenzie College.

João da Silva Machado, o futuro barão, nasceu na vila de Taquari, no Rio Grande do Sul, em 17 de junho de 1782 e foi batizado na matriz local com uma semana de vida. Eram seus pais o português Manuel da Silva Jorge e a brasileira Antônia Maria de Bittencourt, descendentes de açorianos das ilhas do Faial e de São Jorge.<sup>3</sup> Casou-se com Ana Ubaldina do Paraíso Guimarães,

<sup>1</sup> LÉONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro*. 3ª ed. São Paulo: Aste, 2002, p. 106. Esse autor menciona vários exemplos em diferentes regiões do país (p. 106-110).

<sup>2</sup> CHAMBERLAIN, George W. “Three months’ rest in Parana”. *The Foreign Missionary*, nov. 1886, p. 251.

<sup>3</sup> BROTERO, Frederico de Barros. *Barão de Antonina: apontamentos genealógicos*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1940, p. 5.

natural do Paraná. Desse consórcio, além de um filho varão falecido na infância, o casal teve cinco filhas: Maria Antônia, Francisca de Paula, Balbina Alexandrina, Ana e Inocência Júlia.

No início de sua vida adulta, João foi comerciante de gado, atividade comum e lucrativa na época. Adquiria tropas no Rio Grande do Sul, sua província natal, e nas repúblicas vizinhas, para revender não só na famosa feira de Sorocaba, mas também em Minas Gerais e na “feira de Santana”, na Bahia, chegando até mesmo, conforme alguns autores, a Caxias, no Maranhão. Em 1820, aos 38 anos, quando ocupava o posto de sargento-mor de milícias, iniciou uma longa folha de serviços à coletividade. Foi incumbido pelo governo da Capitania de São Paulo de explorar minérios de prata no morro do Itaió. No ano seguinte, foi um dos escolhidos pela Comarca de Curitiba para ser eleitor de deputados à Constituinte Portuguesa. Em 1822, ano da independência do Brasil, incumbiu-se da conservação da estrada da Mata, entre São Paulo e o Rio Grande do Sul, de grande utilidade para os tropeiros. Tendo o governo paulista resolvido fundar uma colônia de alemães em Rio Negro, encarregou-o dessa tarefa. João desempenhou a sua missão em 1826, instalando a colônia onde hoje se encontra a cidade paranaense desse nome, na divisa com Santa Catarina, que o considera seu fundador.

O futuro barão também se dedicou amplamente à vida política. Foi eleito suplente na primeira assembleia provincial de São Paulo, em 1835-1836. Nas três assembleias subsequentes, foi contemplado com uma das cadeiras. Por eleição unânime, recebeu de seus pares o honroso cargo de vice-presidente da Província de São Paulo no biênio 1837-1838 (equivalente ao atual cargo de vice-governador). Recebeu várias promoções por merecimento nas milícias ou forças armadas, agora convertidas em Guarda Nacional: tenente-coronel, chefe da Legião, comandante superior da Guarda Nacional de Curitiba, Lapa e Rio Negro. Quando irrompeu a Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul, em 1835, tomou parte ativa na defesa da legalidade e recebeu as honras de coronel honorário do exército. Deflagrada a revolução de 1842 em Sorocaba, José da Costa Carvalho, o Barão de Monte Alegre, então presidente da Província de São Paulo, encontrou nele a pessoa talhada para reprimir o alastramento da onda sediciosa na região do Paraná. Em recompensa, recebeu por decreto imperial de 11 de setembro de 1843 o título de Barão de Antonina, elevado a Barão com Grandeza por decreto de 13 de agosto de 1860.<sup>4</sup>

Sua carreira política atingiu o ponto culminante quando, em 1853-1854, participou da separação da comarca de Curitiba da Província de São Paulo,

---

<sup>4</sup> BROTERO, *Barão de Antonina*, p. 6.

sendo criada a Província do Paraná, que o elegeu senador.<sup>5</sup> Com isso, abandonou a política paulista, dedicando-se unicamente à da nova província, embora continuasse a residir na capital bandeirante. Como senador, prosseguiu com sua intensa atividade a serviço do país. Por ordem do governo imperial, estabeleceu núcleos de catequese, auxiliado por missionários católicos, em Tibagi, Paranapanema, Ivaí e Ribeira. Organizou e instalou aldeamentos de índios em Tibagi e São João Batista do Rio Verde, em São Paulo. Fundou povoações como São Jerônimo, Jataí e outras. Dedicou-se à manutenção de estradas, como a de Ribeira a Curitiba e a da Graciosa, entre Curitiba e o litoral. Abriu uma estrada nos sertões bravios entre o Paraná e o sul de Mato Grosso.

Tais serviços o fizeram merecedor de novas honrarias: recebeu os títulos de Veador de Sua Majestade a Imperatriz,<sup>6</sup> Grande do Império, Fidalgo da Casa de Sua Majestade Imperial, Grande Dignitário da Imperial Ordem da Rosa, Oficial da Imperial Ordem do Cruzeiro. Foi recebido como sócio do Instituto Histórico Brasileiro e fez parte da administração da Fábrica de Ferro de Ipanema, nas proximidades de Sorocaba.<sup>7</sup> Apesar de muitos aspectos da sua biografia serem controvertidos, não resta dúvida de que o Barão de Antonina foi um personagem de alta relevância no período imperial brasileiro.

O que mais interessa para os propósitos deste artigo é o fato de que o Rev. Chamberlain se preocupou em visitar esse ilustre ancião com o objetivo de lhe falar do evangelho. João da Silva Machado residia em sua chácara na Luz, ao lado do velho mosteiro existente até hoje. O local corresponde à atual esquina da Avenida Tiradentes com a Rua Dr. Rodrigo de Barros, o antigo beco da Luz. Em 25 de abril de 1873, provavelmente antes da visita do missionário presbiteriano, o barão elaborou o seu testamento, que assim começava: “Em nome da Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo, em quem eu João da Silva Machado, Barão de Antonina, firmemente creio como Católico Romano que sou, e em cuja fé pretendo morrer e viver, este é o meu testamento e última vontade”.<sup>8</sup> Quase no final do documento, acrescentou:

Declaro que quando Deus for servido levar-me da vida presente, quero ser sepultado o mais humildemente que for possível e que nesta ocasião e no mesmo

<sup>5</sup> A Província do Paraná foi criada mediante o Decreto Imperial nº 704, de 29.08.1853. O primeiro presidente da Província, o baiano Zacarias de Góes e Vasconcelos, tomou posse em 19.12.1853. João da Silva Machado foi eleito senador em 28.03.1854.

<sup>6</sup> Veador ou viador era um oficial-mor ou camarista da casa real, escolhido entre membros da nobreza ou fidalguia, para a prestação de serviços ocasionais, especialmente à rainha ou imperatriz.

<sup>7</sup> Um excelente estudo sobre o personagem é: ALVES, Alessandro Cavassin. “João da Silva Machado, barão de Antonina: o estudo biográfico e o seu contexto histórico”. Anais da VII Semana de História Política / IV Semana Nacional de História: Política e Cultura & Política e Sociedade. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

<sup>8</sup> BROTERO, *Barão de Antonina*, p. 81.

dia se digam quantas missas de corpo presente for possível, e que se repartam duzentos mil réis em baeta e pano de algodão pelos pobres que se acharem presentes, e que por minha alma se mande dizer meia capela de missas, e bem assim meia capela pela alma de meus pais, meia capela pela alma de minha falecida mulher, meia capela pela alma de meus escravos.<sup>9</sup>

Ao falecer, em 18 de março de 1875, foi sepultado no mausoléu da família no Cemitério da Consolação, perto do túmulo de Domitila de Castro do Canto e Melo, a famosa Marquesa de Santos, falecida em 1867. Por causa de sua fama de catequista de índios, seu brasão, visto na parte de trás do mausoléu, ostenta, do lado esquerdo, um indígena com tanga, cocar e arco e flecha; do lado direito, um leão em pé, segurando um livro (provavelmente um missal) e um rosário, e tendo sobre si um machado.<sup>10</sup>

Suas cinco filhas se consorciaram com membros de famílias destacadas da sociedade paulistana. Maria Antônia da Silva casou-se com o tenente-coronel Mariano José da Cunha Ramos; Francisca de Paula da Silva com o capitão, depois tenente-coronel, Joaquim da Silva Prado (sua filha Ana Francisca casou-se com o primo Dr. Rodrigo Antônio Monteiro de Barros, filho do desembargador de mesmo nome); a terceira filha, Balbina Alexandrina da Silva, contraiu matrimônio com Luiz Pereira de Campos Vergueiro, filho do Senador Vergueiro; Ana da Silva Machado casou-se com o comendador Fidelis Nepomuceno Prates; a última filha, Inocência Júlia da Silva, casou-se com o irmão de Fidelis, Dr. Fidêncio Nepomuceno Prates. Foram pais de Eduardo da Silva Prates, o Conde Prates, grande empresário e fazendeiro, casado com uma filha do Barão de Itapetininga.

Este barão, Joaquim José dos Santos Silva, mais conhecido como Cadete Santos, foi proprietário da grande área de terra entre a Rua Líbero Badaró e a Avenida Ipiranga, local onde se encontram o Vale do Anhangabaú e o Teatro Municipal. Essa área incluía os terrenos nos quais foram edificados o prédio da Escola Americana, na Rua de São João, e o templo da Igreja Presbiteriana de São Paulo, na Rua 24 de Maio.

## 2. DONA MARIA ANTÔNIA

Quem passa pela Rua Maria Antônia, na Vila Buarque, em São Paulo, vê um edifício do Instituto Presbiteriano Mackenzie denominado “Baronesa Maria Antônia da Silva Ramos”. A designação não é inteiramente exata, porque os títulos nobiliárquicos do Império não se transferiam automaticamente aos filhos dos detentores. Quando muito a esposa de um barão poderia ser chamada de

<sup>9</sup> Ibid., p. 82. Meia capela seria um conjunto de 25 missas.

<sup>10</sup> Observação pessoal do autor. O brasão é encimado por um coroa e um pequeno toldo protetor de metal. Abaixo dele estão as palavras: “Jasigo [sic] do Barão de Antonina e sua família”.

baronesa, não uma filha. Todavia, é fato incontestável que D. Maria Antônia foi uma personagem de destaque na São Paulo oitocentista, pertencendo a uma de suas famílias mais ilustres. O mais importante é que essa dama da antiga sociedade paulistana abraçou o evangelho na parte posterior de sua vida, tornando-se membro da Igreja Presbiteriana de São Paulo.

Maria Antônia da Silva nasceu no dia 5 de julho de 1815 na cidade de Castro, na época pertencente à Província de São Paulo e hoje em território paranaense. Castro surgiu no século 18 a partir de um pouso de tropeiros que demandavam à feira de Sorocaba. Quando ainda muito jovem, Maria Antônia transferiu-se com a família para São Paulo. Casou-se por volta de 1835 com o militar Mariano José da Cunha Ramos, nascido em Bragança (SP) em 1801, filho do sargento-mor Francisco da Cunha Ramos. Mariano chegou ao posto de tenente-coronel e foi comandante do 2º Batalhão da Guarda Nacional na capital paulista.<sup>11</sup> Deve ter falecido poucos anos após o casamento, pois não se encontram referências a ele nos jornais paulistas depois de 1836.

O casal teve dois filhos: Firmino da Cunha Ramos e Ernesto Mariano da Silva Ramos. O primeiro faleceu solteiro. Ernesto, nascido em 20 de janeiro de 1836 e batizado na Igreja de Santa Ifigênia, bacharelou-se na Academia de Direito do Largo de São Francisco em 1861. Além de advogado, exerceu por vários mandatos o cargo de vereador e presidente da Câmara Municipal. Presidiu a comissão encarregada da construção do Monumento do Ipiranga. Casou-se em 1860 com Maria Amália Rudge (1843-1909), filha de imigrantes ingleses que chegaram ao Rio de Janeiro na época da transferência da família real portuguesa. O casal teve treze filhos, alguns dos quais alcançaram grande projeção na sociedade local.<sup>12</sup> Por meio da família Rudge da Silva Ramos, Dona Maria Antônia deixou numerosa descendência.

Essa dama da capital bandeirante partilhava os valores da sociedade escravocrata da época. Por diversas vezes os jornais da época fazem referência a escravos de sua propriedade. Em 1869, foi noticiado o batismo, na igreja da Sé, do menino Castor, filho de Joana, escrava de D. Maria Antônia.<sup>13</sup> No início de 1874, o jornal *Correio Paulistano* veiculou em várias edições o anúncio da fuga da sua escrava Mariana, de 60 anos, solicitando que qualquer informação sobre o seu paradeiro fosse levada à Rua da Boa Vista, nº 32, onde residia a proprietária.<sup>14</sup> Existem outras informações que apontam para a sua situação privilegiada. Em 1881, ela estava entre os acionistas da Companhia Paulista

<sup>11</sup> Ver o periódico *O Paulista Oficial*, 19.05.1836, p. 3; 18.06.1836, p. 1.

<sup>12</sup> A nota de falecimento de Maria Amália inclui os nomes da elite política e empresarial de São Paulo presente no sepultamento. *O Comércio de São Paulo*, 15.09.1909, p. 4. Seu esposo faleceu em 1919.

<sup>13</sup> *Diário de São Paulo*, 24.08.1869, p. 2.

<sup>14</sup> *Correio Paulistano*, 21.01.1874, p. 3. Maria Antônia já residia na Rua da Boa Vista, a poucos passos da sede do governo provincial, desde a década de 1850.

de Estradas de Ferro do Oeste e, em 1888, residindo na Rua da Consolação, nº 106, constava entre os assinantes da companhia União Telefônica do Brasil, sendo proprietária do telefone 256.<sup>15</sup>

Maria Antônia pertenceu a uma família tradicionalmente católica, como o eram na época praticamente todas as famílias aristocráticas de São Paulo e do Brasil. Uma curiosa matéria jornalística de 1867 informa que a família de D. Maria Antônia foi uma das muitas que *não* compareceram a um baile em homenagem ao político liberal e anticlerical Aureliano Cândido Tavares Bastos.<sup>16</sup> Uma notícia de setembro de 1871 informa que Maria Antônia tinha sido eleita para um dos cargos mais importantes da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, o de “ministra”. Os nomes dos ocupantes de alguns dos outros cargos dão uma ideia de relevância social dessa posição: “ministro” – Barão de São João do Rio Claro; “vice-ministro” – Comendador Félix de Abreu Pereira Coutinho; “sindicado” – Barão de Itapetininga.<sup>17</sup>

No entanto, seus contatos com o Rev. Chamberlain e os mestres da Escola Americana levaram-na a se converter à fé evangélica. Ainda que não sejam conhecidos os detalhes de como isso ocorreu, o testemunho dos missionários mostrou-se eficaz e ela foi conduzida a uma experiência genuína com Cristo. Foi recebida por profissão de fé e batismo no dia 2 de junho de 1878, na Igreja Presbiteriana de São Paulo, em companhia de Inácia Maria Barbosa e Serafim José de Santana.<sup>18</sup> Como era de se esperar, essa conversão causou repercussão nos meios católicos de São Paulo. O jornal *O Apóstolo*, do Rio de Janeiro, recebeu o relato de um correspondente de São Paulo, que declara a certa altura.

A recente conversão de uma senhora das melhores famílias desta capital ao protestantismo tem dado o que pensar a muita gente que se interessa por preservar ileso a integridade da fé, ao mesmo tempo que veio tornar bem patente a ação sorradeira exercida entre nós pelos *pastores* protestantes sobre a inteligência das pessoas fracas e pusilânimes.<sup>19</sup>

O articulista aproveitou para alfinetar os missionários da Escola Americana:

A propaganda protestante não se limita à venda de Bíblias falsas, senão também lança mão do ensino público para perverter a mocidade confiada aos cuidados de mestres e de mestras francamente heterodoxas: refiro-me à Escola Americana, sita à rua de S. João.

<sup>15</sup> *Correio Paulistano*, 08.04.1881, p. 4; 31.07.1888, p. 3.

<sup>16</sup> *Diário de São Paulo*, 31.10.1867, p. 3.

<sup>17</sup> *Ibid.*, 20.09.1871, p. 2.

<sup>18</sup> LESSA, Vicente Themudo. *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903)*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 139.

<sup>19</sup> *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, 05.07.1878, p. 2.

Curiosamente, mesmo após sua adesão à igreja presbiteriana, D. Maria Antônia continuou a ser proprietária de escravos. Os missionários presbiterianos de São Paulo, procedentes do norte dos Estados Unidos, eram francamente contrários à escravidão. Porém, em 1º de outubro de 1878, ao visitar a Escola Americana, o imperador D. Pedro II ficou sabendo que entre as alunas estavam duas filhas de escravas dessa senhora.<sup>20</sup> Um ano mais tarde, os jornais noticiaram a morte por “congestão cerebral” de seu servo José, de 50 anos.<sup>21</sup> No mesmo mês (outubro de 1879), o Rev. Chamberlain batizou na igreja de São Paulo duas escravas de Dona Maria Antônia – Joana e Leonor.<sup>22</sup> Tais escravas certamente eram tidas como membros da família, estando ligadas à sua senhora por fortes vínculos afetivos ao longo de muitos anos, não havendo motivo, mesmo depois da conversão à fé evangélica, para desfazer-se delas. Legalmente continuavam escravas, mas agora eram, mais que isso, irmãs na fé.

A partir de sua adesão à Igreja Presbiteriana de São Paulo, até o fim de sua vida, ou seja, por 24 anos, Maria Antônia teve participação assídua na sua igreja, envolvendo-se com muitas de suas iniciativas. Em outubro de 1881, o *Correio Paulistano* noticiou o seguinte:

Bazar de prendas – a Sociedade Auxiliadora da Igreja Presbiteriana tem a honra de convidar o respeitável público para assistir à exposição de prendas que terá lugar nos dias 20, 21 e 22 do corrente, no salão do Teatro São José, e bem assim participa às pessoas, às quais já dirigiu convites, que a exposição será no lugar acima designado e não na rua de São João, Escola Americana. A comissão – D. Henriqueta A. Soares do Couto, D. Maria Antônia da Silva Ramos, D. Adelaide de Molina, Mrs. E. D. Howell, Mrs. Mary A. Chamberlain.<sup>23</sup>

As companheiras de D. Maria Antônia nessa comissão eram mulheres destacadas no presbiterianismo paulistano. Henriqueta Augusta Soares do Couto foi membro de uma família aristocrática e pertenceu à primeira geração de evangélicos brasileiros. Em 7 de janeiro de 1859, foi batizada em Petrópolis, pelo Rev. Robert Reid Kalley, em companhia de sua mãe, Gabriela Carneiro Leão, irmã do Marquês do Paraná e do Barão de Santa Maria. Mudando-se para o Rio de Janeiro, filiaram-se à igreja presbiteriana. Casou-se em 1860 com o irlandês William Esher, um dos primeiros diáconos e presbíteros da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. Depois de terem tido três filhos, Esher deixou a esposa e partiu para os Estados Unidos, de onde nunca mais voltou. Henriqueta, conhecida por sua grande dedicação, zelo e piedade, passou seus

<sup>20</sup> GARCEZ, Benedicto Novaes. *O Mackenzie*. 2ª ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2004, p. 99.

<sup>21</sup> *Correio Paulistano*, 14.10.1879, p. 3.

<sup>22</sup> LESSA, *Anais*, p. 151. Pelos nomes, aparentemente trata-se das mesmas que eram alunas da Escola Americana.

<sup>23</sup> *Correio Paulistano*, 21.10.1881, p. 3.

últimos anos em São Paulo, tendo falecido em 1885. Sua casa, na esquina da Rua Vitória com o Largo do Arouche, era o local em que os estudantes da Escola Americana iam passar as tardes de sábado. Cantavam, tocavam piano e flauta e recitavam, sendo acompanhados por ela e dois filhos.<sup>24</sup>

Adelaide Molina foi uma das primeiras professoras da Escola Americana, onde lecionou por vinte anos. Elizabeth Day Howell e Mary Annesley Chamberlain eram, respectivamente, esposas dos Revs. John Beatty Howell e George W. Chamberlain. Émile Léonard pondera sobre os elementos destacados que se filiaram à Igreja Presbiteriana: “Todas essas famílias, e especialmente a de D. Henriqueta do Couto Esher, tornaram-se instrumentos ativos da propaganda protestante”.<sup>25</sup>

O nome de Maria Antônia aparece continuamente nas listas de doadores e colaboradores das mais diferentes causas: oferta à congregação da Bela Vista, dirigida pelo Rev. Emanuel Vanorden; assinatura de 25 exemplares do jornalzinho infantil *Aurora*; donativo à maternidade local, e assim por diante.<sup>26</sup> O historiador Vicente T. Lessa faz muitas referências à generosidade de D. Maria Antônia.

Em dezembro de 1892, ela fez um donativo de 200\$000 para o Instituto Teológico que estava sendo idealizado pelo Rev. Eduardo Carlos Pereira. Algum tempo depois, participou da lista de contribuintes para a construção de um sobrado nos fundos do templo da Rua 24 de Maio, para sediar o referido instituto. Em 1895, o Seminário Presbiteriano, até então sediado em Nova Friburgo (RJ), foi transferido para São Paulo e se fundiu com o Instituto Teológico. Surgiu então na 1ª Igreja, em meados de 1896, a ideia de adquirir um terreno e construir um amplo edifício para a educação teológica. Entre os agentes encarregados de obter subscrições estava D. Maria Antônia. Em 1898, a Sociedade de Senhoras da igreja lançou o plano de custear uma viagem do Rev. Eduardo Carlos Pereira aos Estados Unidos a fim de defender os interesses da igreja brasileira perante a Assembleia Geral da igreja norte-americana. Entre as contribuintes estava, uma vez mais, D. Maria Antônia.<sup>27</sup>

Graças às suas ligações com essa família, em 1874 o Rev. Chamberlain adquiriu de Maria Antônia, por um preço simbólico, o primeiro terreno do futuro campus do Mackenzie College, atual Universidade Presbiteriana Mackenzie.<sup>28</sup>

<sup>24</sup> LESSA, *Anais*, p. 40s, 139. Henriqueta e sua mãe foram arroladas na igreja de São Paulo em 07.04.1878, dois meses antes da profissão de fê de D. Maria Antônia. Seu filho do meio, Nicolau Soares do Couto Esher, veio a ser um conhecido médico e presbítero em São Paulo e no Rio de Janeiro.

<sup>25</sup> LÉONARD, *Protestantismo brasileiro*, p. 107.

<sup>26</sup> *Imprensa Evangélica*, 15.08.1891, p. 8; 26.03.1892, p. 101; *Correio Paulistano*, 30.03.1898, p. 1.

<sup>27</sup> LESSA, *Anais*, p. 351, 395, 426, 488.

<sup>28</sup> RIBEIRO, Boanerges. *A igreja presbiteriana no Brasil, da autonomia ao cisma*. São Paulo: O Semeador, 1987, p. 17. Esse imóvel foi doado à Sociedade Presbitério do Rio de Janeiro em 01.05.1886.

Tal imóvel, parte de uma chácara que essa senhora utilizava como pasto para os seus animais de tração, estava situado na confluência da Rua Itambé com a antiga estrada do Pacaembu ou caminho de Sorocaba. Nos anos de 1880, esse logradouro passou a ser conhecido como Rua de Dona Maria Antônia e eventualmente o nome foi oficializado pela prefeitura municipal.<sup>29</sup> A construção do internato masculino da Escola Americana nesse local contribuiu para popularizar o novo nome do logradouro.

Pelo menos uma das netas de D. Maria Antônia também se filiou à igreja presbiteriana. Trata-se de Ernestina Rudge da Silva Ramos, que se casou com Cesário Pereira de Araújo em 21 de setembro de 1882, um mês antes de completar vinte anos. Os dois haviam feito a sua profissão de fé recentemente, ele no dia 7 de maio e ela em 17 de setembro, poucos dias antes do casamento. A cerimônia realizou-se perante numerosa assistência na “Sala Grande” da Escola Americana, na Rua de São João esquina com a Rua do Ipiranga. Foi oficiada pelo Rev. George Nash Morton,<sup>30</sup> auxiliado pelos colegas George Chamberlain e John B. Howell. O historiador Émile Léonard comenta: “Este casamento protestante de dois jovens da aristocracia paulista foi um acontecimento de grande repercussão social na cidade”.<sup>31</sup>

Nos seus últimos dias, D. Maria Antônia residiu na Rua de São João, em frente à Escola Americana.<sup>32</sup> Ao longo de sua carreira como presbiteriana, foi ovelha de três ilustres pastores: George Chamberlain (1878-1886), Modesto Carvalhosa (1886-1888) e Eduardo Carlos Pereira (1888-1902). Sua única fotografia disponível a mostra já em idade madura, com cabelos brancos e curtos, semblante sério, mas sem rugas, portando um pesado vestido escuro que encobre totalmente o colo e o pescoço.

Faleceu no dia 11 de março de 1902, às 23 horas, com 87 anos incompletos, após 25 dias de padecimentos. O jornal *O Estandarte* diz que “glorioso foi o testemunho que deu de sua fé a sua numerosa família e seus amigos. No pleno gozo de suas faculdades, na lúcida compreensão da solenidade do momento, ela declarou por vezes sua fé e esperança em seu doce Salvador”.<sup>33</sup> Comentando a notícia, o historiador Themudo Lessa observa que à hora su-

<sup>29</sup> Para uma história da Rua Maria Antônia, ver: SILVA, Fernando Santos da. *Maria Antônia: um retrato além da moldura*. Curitiba, PR: Appris, 2019. Esse livro é fruto de uma dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, tendo como orientador o Dr. Marcel Mendes.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 184. George N. Morton havia sido um dos fundadores e diretores do Colégio Internacional de Campinas. No final de 1879, mudou-se para São Paulo e criou o Colégio Morton, que teve uma vida efêmera.

<sup>31</sup> LÉONARD, *O protestantismo brasileiro*, p. 107.

<sup>32</sup> LESSA, *Anais*, p. 139.

<sup>33</sup> *O Estandarte*, 13.03.1902, p. 3.

prema ela cantava com voz entrecortada: “Santa paz e perdão, É o eco lá dos céus; Santa paz e perdão, Bendito o nosso Deus”.<sup>34</sup> Somente quatro meses mais tarde iria falecer na distante Salvador, na Bahia, o seu preceptor e amigo, Rev. George Chamberlain.

Apesar da sua adesão ao protestantismo, Maria Antônia foi sepultada no mausoléu da família no Cemitério da Consolação, ao lado do seu pai, falecido 27 anos antes. No mesmo local foram inumados ao longo do século 20 vários membros da família Prates. Nas últimas décadas da vida de Maria Antônia, haviam decorrido mudanças sociais importantes no Brasil. Boanerges Ribeiro aponta a Guerra do Paraguai, a Questão dos Bispos, a imigração, a pressão sobre os sistemas jurídico e político, as estradas de ferro, a imprensa liberal, a presença republicana e a expansão da lavoura cafeeira.<sup>35</sup> Há que acrescentar a libertação dos escravos e a Proclamação da República.

### 3. OUTROS ILUSTRES

Os anais do presbiterianismo paulista do século 19 revelam que outras pessoas das melhores famílias da cidade se tornaram adeptas, ou ao menos simpatizantes, da igreja presbiteriana. O exemplo mais conhecido é a família do comendador Luiz Antônio de Souza Barros, filho do Brigadeiro Luiz Antônio, imortalizado no nome de uma das principais artérias da capital. O comendador, a esposa e as seis filhas abraçaram o evangelho na segunda metade dos anos 1880. A primeira a se converter foi Maria Paes de Barros, graças ao testemunho de uma simples doméstica, Inácia Maria Barbosa, companheira de profissão de fé de D. Maria Antônia. No entanto, duas de suas irmãs ingressaram na igreja presbiteriana antes dela: Elisa em 10 de outubro de 1886 e Felicíssima em 7 de agosto de 1887. Maria foi recebida por profissão de fé no dia 3 de junho de 1888, sendo na ocasião batizados os seus filhos. Nos dois anos seguintes, professaram a fé Adelina, Eugênia, Antônia e a mãe, D. Felicíssima de Campos Barros, a segunda esposa do comendador. Este também abraçou a fé, mas não assumiu explicitamente a sua adesão.<sup>36</sup>

Maria Paes de Barros foi uma mulher extraordinária, tendo vivido 101 anos (1851-1952). Casou-se em 1868 com seu primo Antônio Paes de Barros, filho de Rafael Paes de Barros, o primeiro Barão de Piracicaba. Antônio veio a ser senador da República. Eram liberais convictos, recebendo em sua casa políticos como Campos Sales, Cerqueira César, Bernardino de Campos, Francisco Glicério e Leite de Moraes. Maria foi uma das fundadoras do Hospital

<sup>34</sup> LESSA, *Anais*, p. 553. Para outra nota do seu falecimento de Maria Antônia, ver *O Comércio de São Paulo*, 12.03.1902, p. 2.

<sup>35</sup> RIBEIRO, *A igreja presbiteriana no Brasil*, p. 62.

<sup>36</sup> LÉONARD, *Protestantismo brasileiro*, p. 107-109.

Samaritano, uma das diretoras da Maternidade de São Paulo e a fundadora do primeiro Tênis Clube da cidade. Colaborou na campanha pela construção do Seminário Presbiteriano, na Rua Maranhão. Já idosa, publicou uma *História do Brasil* (1932) e um fascinante livro de memórias da infância, *No Tempo de Dantes* (1946), com prefácio de Monteiro Lobato.<sup>37</sup> Foi membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Sua filha Rosalina casou-se com o Rev. Otoniel Mota.

Sua irmã Elisa de Souza Barros e Mesquita residiu na Europa mais de uma vez e lá nasceram dois de seus filhos. Foi casada com o médico Dr. Inácio Xavier Paes de Campos e Mesquita. Suas filhas Elisa e Cecília se casaram, respectivamente, com o Rev. José Maurício Higgins e o Rev. Ernesto Luiz de Oliveira. Outra irmã, Felicíssima, destacou-se por seus valiosos serviços à Igreja Presbiteriana de São Paulo, na Sociedade de Senhoras, na escola dominical, no coro, e também na Escola Americana. Doou à igreja um valioso órgão vindo da Alemanha que foi utilizado por muitas décadas. Maria Luíza, filha de D. Maria Paes de Barros, foi casada com o tenente coronel Edmundo Wright, filho de ingleses, da cavalaria da Força Pública do Estado. Residiram na Inglaterra, vindo Edmundo a morrer na 1ª Guerra Mundial.<sup>38</sup>

A mais ilustre dama da São Paulo antiga, D. Veridiana Prado, foi visitada pelo Rev. Chamberlain e ouviu o testemunho do evangelho, mas não chegou a se converter. Ela construiu o seu palacete defronte ao campus do Mackenzie College e ali recebeu por muitos anos a elite paulistana composta de políticos, empresários, artistas e intelectuais. Tinha uma irmã de condição humilde, Umbelina Borges de Macedo, residente no início da Rua Maria Antônia, que professou a fé na Igreja Presbiteriana em 2 de maio de 1875, na mesma ocasião em que foram recebidas Adelaide Luíza Molina, professora da Escola Americana por muitos anos, e sua irmã Ana Rosa Molina.<sup>39</sup>

Muitos homens ilustres da Pauliceia também ouviram o testemunho enérgico do evangelho por meio do Rev. Chamberlain e de outros missionários que trabalharam na cidade. Um deles foi José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898), político, militar, etnólogo, escritor e folclorista que chegou a ser governador de quatro províncias (Goiás, Pará, Mato Grosso e São Paulo). O general Couto de Magalhães se tornou grande amigo de Chamberlain e um benemérito da Escola Americana e do Mackenzie College. Em 1884, ele ofere-

<sup>37</sup> MATOS, Alderi S. *Os pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900): missionários, pastores e leigos do século 19*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 469-470.

<sup>38</sup> Sobre essas diferentes personagens, ver: LESSA, *Anais*, p. 229, 249, 264, 289, 299, 311, 335. O Rev. Agostinho Piquet Carvalhosa também se casou com uma jovem dessa família, Sofia de Souza Barros, filha do advogado Antônio de Souza Barros e de Augusta Vilhena Loureiro de Souza Barros, uma fiel presbiteriana.

<sup>39</sup> *Ibid.*, p. 121.

ceu 5:000\$000 (cinco contos de réis) para as obras do internato masculino e se comprometeu a pagar um ano de salário do novo diretor, Dr. Horace M. Lane.<sup>40</sup> Quando do lançamento da pedra comemorativa do internato, o missionário o presenteou com a pá utilizada na cerimônia<sup>41</sup> e posteriormente seu nome foi dado ao novo edifício. O jornalista Rangel Pestana, o poeta Teófilo Dias e outros luminares tiveram igual oportunidade de ouvir a mensagem evangélica.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito antes do Congresso do Panamá (1916), com sua ênfase na evangelização das classes cultas, o Rev. Chamberlain e outras pessoas perceberam a importância de testemunhar do evangelho a todos os segmentos da sociedade, desde os escravos até as pessoas mais privilegiadas. Ribeiro observa: “A Igreja que o Rev. Chamberlain vai entregar a Eduardo [Carlos Pereira] é um corte vertical, como amostra, de todas as camadas sociais brasileiras, em 1888”.<sup>42</sup> Do ponto de vista estratégico, os missionários sabiam que a nova agremiação religiosa teria melhores condições de se consolidar e exercer influência na coletividade por meio de membros bem situados na escala social. As pessoas alcançadas nesse círculo foram principalmente mulheres, por causa do lugar ocupado pelo elemento feminino na cultura da época. Restritas essencialmente ao ambiente doméstico, as mulheres não tinham muito a perder socialmente ao abraçarem a nova opção religiosa. E tinham muito a ganhar: não somente a atração poderosa de um relacionamento mais pessoal e significativo com Cristo, mas a oportunidade de uma nova esfera de atividade e realização fora do lar, numa comunidade eclesial pequena, coesa e participativa.

Os homens bem posicionados socialmente (e mesmo algumas mulheres) experimentavam uma situação totalmente diversa. Sua intensa participação num meio cultural fortemente influenciado pelo catolicismo desaconselhava uma adesão explícita à fé protestante. Esse fato acarretaria uma perda imediata de status e oportunidades, levando-os ao ostracismo social, político e econômico. A opção que restava para alguns deles era fazer uma adesão íntima às novas convicções, sem se filiarem formalmente à igreja.<sup>43</sup> Do ponto de vista dos missionários e seus correligionários, o mais importante era testemunhar da nova vida em Cristo, independentemente da aceitação ou não da nova mensagem. Essa atitude ecoava as palavras do apóstolo Paulo em Mileto:

<sup>40</sup> RIBEIRO, *A igreja presbiteriana do Brasil*, p. 29-31. Em contrapartida, pediu que durante aquele ano Lane ministrasse aulas particulares aos seus sobrinhos diariamente.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 223. Seu imponente mausoléu também está situado no Cemitério da Consolação, voltado para a Rua da Consolação.

<sup>42</sup> RIBEIRO, *A igreja presbiteriana no Brasil*, p. 60.

<sup>43</sup> Ribeiro observa que essa ausência masculina limitava o âmbito de influência da igreja. *Ibid.*, p. 61.

Agora, eu sei que todos vós, em cujo meio passei pregando o reino, não vereis mais o meu rosto. Portanto, eu vos protesto, no dia de hoje, que estou limpo do sangue de todos; porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus (At 20.25-27).

### **ABSTRACT**

The Presbyterian Church was the first manifestation of missionary Protestantism in the city of São Paulo. The work of the North American missionaries and their Brazilian disciples gradually reached all social strata in the city, which was in the initial stages of its dramatic expansion. This essay shows how the missionaries made an effort to reach out to the upper classes and achieved very satisfying results. The article considers some specific examples, such as Mrs. Maria Antônia da Silva Ramos, a daughter of the prominent Baron of Antonina, and the family of the wealthy entrepreneur Luiz Antônio de Souza Barros, among others. It considers the missiological and strategic importance of such adhesions in a critical period in the history of Brazil.

### **KEYWORDS**

Brazilian Protestantism; Presbyterianism in São Paulo; Evangelization of the elites; Slavery; American School.